

THE LAST MAN ON EARTH (1964): SYLVAN/PLUMWOOD E O CHAUVINISMO HUMANO

Stefany Sohn Stettler

RESUMO

A relação da civilização ocidental com a natureza está fundamentada em três tradições principais: a de dominação, a despótica e a tradição da mordomia. A ética do “chauvinismo humano”, assim nomeada por Val Plumwood e Richard Sylvan, é representada, ainda que de forma inconsciente, pelo diretor Ubaldo Ragona no filme *The Last Man on Earth*, de 1964. Assim, ofereço este breve ensaio, em forma de comunicação, no qual pretendo analisar o filme sob a perspectiva da ética ambiental e do conceito de chauvinismo humano, sobretudo através do exemplo do último homem sobrevivente. Este argumento, ainda que de forma anacrônica, se relaciona ao texto do filme cujo título, traduzido literalmente, significa “O último homem na Terra”. Sylvan e Plumwood pensam que uma espécie anatômica e zoologicamente diferente de humanos, porém idêntica em questões moralmente relevantes é logicamente possível. Com a nova espécie do filme, que eu ouso chamar de pós-humanidade por simbiogênese, é possível pensar a existência de uma espécie anatômica e zoologicamente semelhante e também, possuidora de aspectos moralmente relevantes. Isto, no entanto, ainda não é o suficiente para o protagonista abandonar o chauvinismo humano das teorias éticas do mundo ocidental. O último homem da Terra, tanto de acordo com o conceito de Sylvan e Plumwood quanto de acordo com o filme de Ubaldo Ragona, elimina os seres vivos e não-vivos, pós-humanos, não-mais-humanos, e não-humanos e acredita que está agindo de acordo com o que é correto. No entanto, parece evidente, ele não só está errado, como opera uma extinção sozinho, demonstrando que mesmo uma única unidade de homem é o suficiente para causar estragos no habitat das diferentes espécies obrigadas a conviver com os humanos.

INTRODUÇÃO

A relação da civilização ocidental com a natureza está fundamentada em três tradições principais: a tradição de dominação, a tradição despótica, na qual o homem é o déspota ou o tirano e a tradição da mordomia (PASSMORE *apud* ROUTLEY, 1973). Estas tradições revelam uma posição hierarquizada entre humanidade e natureza, na qual o homem ocupa o lugar de dominador, legislador ou a posição de servido dos “bens” fornecidos pela natureza.

Enquanto a própria ideia de relação entre natureza e homem pode – e deve – ser questionada por pressupor uma alienação, como explica Bruno Latour na introdução à coletânea de conferências intitulada *Diante de Gaia* (2020), entre o ideal de integração e a realidade antropocênica atual, é de fato uma relação que se estabelece entre o que Latour chama de Natureza e Cultura. Não apenas uma relação, mas uma relação de posse.

Nesse sentido, à esta relação entre dois pólos distintos cabe um processo de desconstrução. Escolho esta palavra de forma consciente, pois é, sobretudo uma construção, no sentido de empreendimento humano, que precisa ser desfeita. Isso deve ser feito repensando, dentre diversas áreas da Filosofia, a ética na qual estamos inseridos. Sobre isso, Sylvan (1973, p. 205, tradução nossa) afirma:

Não é, claro, que as éticas antigas e prevalecentes não tratem da relação do homem com a natureza: elas o fazem, e na visão predominante, o homem é livre para lidar com a natureza como quiser, isto é, suas relações com a natureza, pelo menos na medida em que o fazem. não afetam os outros, não estão sujeitos à censura moral.

A ética do “chauvinismo humano”, assim nomeada por Val Plumwood e Richard Sylvan é representada, ainda que de forma inconsciente, pelo diretor Ubaldo Ragona no filme *The Last Man on Earth*, de 1964. Este longa-metragem, baseado na obra *Eu sou a lenda*, de Richard Matheson, embora apresente suas criaturas apocalípticas como vampiros, pode ser extrapolado de forma anacrônica com a figura dos zumbis. Isto porque, além de ter sido uma obra fundamental para a reinvenção dos mortos-vivos sob a ótica de George A. Romero, oferece algumas similaridades com o comportamento dos zumbis contemporâneos, sobretudo a causa da praga ser um vírus.

Assim, ofereço este breve ensaio, em forma de comunicação, no qual pretendo analisar o filme de Ubaldo Ragona, *The Last Man on Earth* (1964) sob a perspectiva da ética de Richard Sylvan e Val Plumwood e do conceito de chauvinismo humano. Para isso, preciso introduzir a estrutura da ética pensada por Richard Sylvan e Val Plumwood, analisar a proposta do filme de Ubaldo Ragona, *The Last Man on Earth* (1964) e por fim, especular como o filme de Ragona e os argumentos de Sylvan e Plumwood se relacionam.

A ÉTICA DE SYLVAN/PLUMWOOD

Antes de abordar a ética de Sylvan e Plumwood, devo explicar um detalhe que pode gerar confusão: Richard Sylvan adotou, por parte de sua vida, o sobrenome Routley. Val Plumwood, por sua vez, também escreveu sob o nome Routley. Richard e Val foram casados e dividiam o mesmo sobrenome, antes de o trocarem, respectivamente, por Sylvan – que significa em inglês neozelandês “da floresta” – e Plumwood – o nome de um morro perto de onde moravam. Seus

escritos em ética foram publicados sob o nome Routley, mas neste trabalho, preferi chamar Richard e Val pelos sobrenomes escolhidos por eles.

Em seguida, para tirar do caminho algumas possíveis incompreensões, preciso definir o significado de “chauvinismo”: de acordo com o Minidicionário de Língua Portuguesa Silveira Bueno, de 2000, a palavra significa “nacionalismo exagerado; espécie de fanatismo”. Já o popular site “sinônimos” define chauvinismo como “aversão ao que é estrangeiro” e sugere as palavras “xenofobia, nacionalismo, patriotismo, bairrismo, nativismo, xenofobismo, jingoísmo” como sinônimos.

"A filosofia liberal do mundo ocidental sustenta que uma pessoa deve ser capaz de fazer o que deseja, desde que (1) não prejudique os outros e (2) que não seja provável que se prejudique irreparavelmente". Vamos chamar esse princípio de chauvinismo (humano) básico - porque sob ele os humanos, ou as pessoas, vêm em primeiro lugar e tudo o mais é o último - embora às vezes o princípio seja saudado como um princípio de liberdade porque dá permissão para realizar uma ampla gama de ações (incluindo ações que desorganizam o meio ambiente e as coisas naturais) desde que não prejudiquem os outros (ROUTLEY, 1973, p. 207).

Sylvan afirma que estas teorias éticas e – de certa forma – também econômicas oferecem algum raciocínio para seus princípios, o que pressupõe uma racionalidade: para o contrato social, o raciocínio de consentimento mútuo entre indivíduos; para a justiça social, o princípio de equidade simétrica; para a ética kantiana, o raciocínio do respeito por membros da classe básica. Se algum membro desta classe básica estiver descontente com as normas erigidas destes princípios, “então que pena para eles: isso é a justiça (áspera)” (ROUTLEY, 1973, p. 210).

EM NOSSOS TEMPOS ILUMINADOS, QUANDO A MAIORIA DAS FORMAS DE CHAUVINISMO FOI abandonada, pelo menos em teoria, por aqueles que se consideram progressistas, a ética ocidental ainda parece reter, em seu âmago, uma forma fundamental de chauvinismo, a saber, o chauvinismo humano. Pois tanto o pensamento ocidental popular quanto a maioria das teorias éticas ocidentais assumem que tanto o valor quanto a moralidade podem, em última análise, ser reduzidos a questões de interesse ou preocupação para a classe dos humanos (ROUTLEY & ROUTLEY, 1973, p. 36, tradução nossa).

Para isso, o chauvinismo humano precisa elencar um conjunto de qualidades: 1) esse conjunto deve ser possuído por, ao menos, todos os humanos funcionais, já que omitir um grupo como bebês, crianças, povos tradicionais, etc. pode significar permissibilidade para tratar tais grupos como se trata não-humanos; 2) para justificar estas teorias éticas, o conjunto de qualidade não pode ser possuído por nenhum não-humano; 3) as características não podem ser meramente relevantes, mas

suficientes para a justificativa não cíclica do corte de consideração moral no ponto exato (ROUTLEY & ROUTLEY, 1973).

Sylvan e Plumwood listam algumas qualidades que supostamente justificam o chauvinismo humano. Aqui, selecionei as características listadas que falham igualmente nos três princípios: uso de ferramentas, capacidade de alterações no ambiente; habilidade de comunicação e linguagem, consciência de si como agente, capacidade de jogar jogos, possuir projetos, capacidade de julgar a performance de outro como bem sucedida, capacidade de adequar seu comportamento e por fim, participar de uma comunidade (ROUTLEY & ROUTLEY, 1973).

O chauvinismo humano é defendido de forma ortodoxa pelo argumento da inevitabilidade da consideração exclusiva de humanos como sujeitos de valores e moralidade, pois apenas esta espécie possui as pré-condições ou pois estas considerações estão limitadas logicamente aos humanos (ROUTLEY & ROUTLEY, 1973). No entanto, segundo Sylvan e Plumwood, este encadeamento lógico incorre na falácia de tomar definições como inquestionáveis ou auto-validadas. Assim, Sylvan oferece o argumento do Último Homem:

O último homem (ou pessoa) sobrevivente do colapso do sistema mundial jaz sobre ele, eliminando, na medida do possível, todos os seres vivos, animais ou plantas (mas sem dor, se preferir, como nos melhores matadouros). O que ele faz é bastante permissível de acordo com o chauvinismo básico, mas em termos ambientais o que ele faz é errado. Além disso, não é preciso estar comprometido com valores esotéricos para considerar o Sr. Último Homem como se comportando mal (a razão talvez seja que o pensamento e os valores radicais mudaram em uma direção ambiental antes de mudanças correspondentes na formulação de princípios avaliativos fundamentais) (ROUTLEY, 1973, p. 207).

Dessa maneira, este argumento, ainda que de forma anacrônica, se relaciona ao texto do filme *The Last Man on Earth* (1964), cujo título, traduzido literalmente, significa “O último homem na Terra”. Retomarei esta citação após a introdução do longa.

O FILME DE UBALDO RAGONA

O célebre Vincent Price interpreta o Dr. Robert Morgan, o único sobrevivente de uma praga que se espalhou a partir da Europa. O ano é 1968 e de acordo com o roteiro, Morgan vive nestas condições há três anos. O personagem hipotetiza que é imune à praga devido a uma mordida de morcego ocorrida no Panamá. Enquanto

apenas as origens da praga e o local da imunização de Morgan seriam interessantes de analisar, vou focar em outras partes do filme.

Os dias do último homem na Terra são iguais, ou parecidos. Ele acorda, risca mais um dia em sua parede, se alimenta de enlatados, esculpe suas estacas de madeira e sai caçar as criaturas mortas-vivas. Ele as mata, acumulando os corpos até o anoitecer e as leva para queimar em uma imensa vala para impedi-las de reviver. À noite, as criaturas saem de seus esconderijos e atacam a casa de Morgan, agora trancada e hospedando um homem que se afunda na bebida alcoólica sistematicamente.

Morgan encontra um cão ferido pelas criaturas e descobre que o animal também está infectado. O personagem mata o não-humano com uma estaca de madeira e o enterra, um modo diferente e, se for da minha competência julgar, de forma mais piedoso que a maneira que se livra dos corpos dos não-mais-humanos. Depois, percebe uma mulher, Ruth, que foge, assustada. Após alguns minutos de perseguição, o personagem a leva para sua casa, embora suspeitando que ela estivesse infectada.

Suas suspeitas se mostram corretas quando ele a surpreende se injetando com uma substância. Ela explica que faz parte de um grupo de pessoas que como ela, estão infectados mas controlam a doença com uma vacina produzida pelo próprio conjunto. Estas pessoas, Ruth conta, estavam planejando construir uma nova sociedade livre de humanos. Morgan, em suas caçadas, havia matado várias destas pessoas não-mais-humanas que ainda mantinham suas agências.

Morgan é visto por este grupo como impiedoso, cruel e implacável. De fato, uma lenda, como indica a obra fundamentadora deste filme. Enquanto a mulher dorme, o homem, sem o consentimento dela, opera uma transfusão de sangue, a “curando” da praga através de sua própria imunidade. O chauvinismo humano em funcionamento. Ocorre uma perseguição cuja cena final representa Morgan chamando a nova espécie de aberração e se declarando, orgulhoso, como o último homem da Terra.

O CHAUVINISMO HUMANO EM FUNCIONAMENTO

Primeiramente, Morgan não sabe se de fato é o último homem da Terra. Ele sabe, apenas, que não se deparou com nenhum outro humano em seu curto raio. No entanto, quando encontra outro humano – outra humana –, julga-se superior a este – esta – por ser 1) um humano não contaminado; 2) um humano imune à praga. Morgan encara o ambiente devastado de forma utilitarista: os mercados vazios como armazém, os postos de gasolina e carros abandonados como “ao seu dispor”. O personagem, inclusive, não tem um comportamento de acúmulo, tão certo de que é o único homem da Terra. Ele tem total controle e domínio do ambiente.

MORGAN: Isto é tudo que tem sido desde que eu herdei o mundo?
 (LAST Man on Earth, The, 1964, tradução nossa).

Morgan também não considera de forma nenhuma a condição de vida da espécie – que não chamarei mais de criatura – que persegue e executa. Seus solilóquios, parte predominante do longa-metragem, não abordam uma única vez a humanidade ou sequer dever moral perante a nova espécie. Pelo contrário, ele constantemente se localiza como possuidor de razão e intelecto, diferenciando-se da nova espécie:

MORGAN: Não posso me dar ao luxo da raiva. A raiva pode me tornar vulnerável. Pode destruir minha razão, e a razão é a única vantagem que tenho sobre eles.

[...]

MORGAN: Eu me protejo contra eles, mas apenas porque eles são muitos. Individualmente, eles são fracos. Mentalmente incompetentes, como animais depois de uma longa escassez. Se eles não fossem... eles certamente já teriam encontrado um modo de invadir aqui há tempos (LAST Man on Earth, The, 1964, tradução nossa).

Sylvan e Plumwood (1973) pensam que uma espécie anatomicamente e zoologicamente diferente de humanos, porém idêntica em questões de características moralmente relevantes é logicamente possível. Com a nova espécie do filme, que eu ouso chamar de pós-humanidade por simbiogênese, trazendo Haraway (2000) e Margulis (1999), é possível pensar a existência de uma espécie anatomicamente e zoologicamente semelhante – senão quase idêntica –, e também, possuidora de aspectos moralmente relevantes. Isto, no entanto, ainda não seria o suficiente para abandonar o chauvinismo humano das teorias éticas do mundo ocidental.

RUTH: Você é um monstro para eles. Por que você acha que eu corri quando te vi? Mesmo que eu tenha sido designada para espionar você.

Porque eu estava tão apavorada com o que ouvi sobre você. Você é uma lenda na cidade. Vivendo de dia em vez de noite. Deixando, como prova de sua existência, cadáveres sem sangue. Muitas das pessoas que você destruiu ainda estavam vivas. Muitos deles eram entes queridos das pessoas do meu grupo (*LAST Man on Earth*, The, 1964, tradução nossa).

O último homem da Terra, tanto de acordo com o conceito de Sylvan e Plumwood (1979) quanto de acordo com o filme de Ubaldo Ragona, elimina, portanto, os seres vivos e não-vivos, pós-humanos, não-mais-humanos, e não-humanos e acredita que está agindo de acordo com o que é correto. No entanto, parece evidente, ele não só está errado, como opera uma extinção sozinho, demonstrando que mesmo uma única unidade de homem é o suficiente para causar estragos no *habitat* das diferentes espécies obrigadas a conviver com os humanos.

CONCLUSÃO

Por meio desta breve exposição, busquei explorar o conceito de chauvinismo humano postulado por Sylvan e Plumwood, sobretudo através do exemplo do último homem sobrevivente, em relação ao filme italiano *The Last Man on Earth*, dirigido por Ubaldo Ragona e lançado em 1964. Especialmente, em relação ao comportamento do personagem Robert Morgan em relação ao ambiente e às espécies encaradas por ele como concorrentes. Sobre a versão de 2007, estrelada por Will Smith, Deborah Christie escreve:

Infelizmente - e é aí que a versão cinematográfica de Eu sou a Lenda de 2007 entende completamente errado - Robert Neville não é uma lenda porque representa a sociedade humana, não porque de alguma forma salva a humanidade; Robert Neville é uma lenda porque ele é a maior ameaça a uma nova sociedade, que substituiu a humanidade (CHRISTIE, 2011, p. 98).

Considero este filme uma obra desprezada no estudo da figura do zumbi. Isto se deve, como falado, à caracterização como vampiros da nova espécie em simbiogênese com um vírus. No entanto, a representação e causa da pandemia se assemelham a o que mais tarde seria, nas mãos de George A. Romero, a criatura popularizada como zumbi. Eu gosto de pensar na gênese destes mortos-vivos como uma trilogia, na qual estão inseridos *The Last Man on Earth* (1964), *Night of the Living Dead* (1968) e *Zombie: Flesh Eaters* (1979). Esta é uma teoria que ainda está em seus primeiros passos, mas que pretendo desenvolver conforme possibilidade.

Deixo, em razão do tempo breve destinado à minha comunicação, algumas pontas em aberto. A crítica à ética ocidental tradicional foi explorada, contudo, não apresentei as soluções ou alternativas propostas pelos filósofos Sylvan e Plumwood, que são pertinentes a um estudo posterior e mais cuidadoso. Ainda, como falei no início, há muitos detalhes no próprio filme que podem ser explorados e analisados, ou também, o filme como um todo pode ser reposicionado e visto sob outra ótica, traçando paralelos com a obra de Donna Haraway e Lynn Margulis.

REFERÊNCIAS

- CHRISTIE, Deborah. A Dead New World: Richard Matheson and the Modern Zombie. IN: CHRISTIE, D.; LAURO, S. J. (Eds.). **Better off dead**: The Evolution of the Zombie as a Post-Human. Nova Iorque: Fordham University Press, 2011. p. 67-80.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020.
- HARAWAY, Donna. O Manifesto Ciborgue. IN: HARAWAY, D.; KUNZURU, T. **Antropologia do ciborgue**: As vertigens do pós-humano. 2a. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-118.
- MARGULIS, Lynn. **The Symbiotic Planet**: A New Look at Evolution. Londres: Phoenix, 1999.
- ROUTLEY, Richard. Is There a Need for a New, an Environmental Ethic? **Proceedings of the XVth World Congress of Philosophy**. Varna, Bulgária: Sofia Press, Setembro/1973. p. 205-210.
- ROUTLEY, Richard; ROUTLEY, Val. Against the Inevitability of Human Chauvinism. IN: GOODPASTER, K. E.; SAYRE, K. M. (Eds.). **Ethics and Problems of the 21th Century**. Notre Dame: Notre Dame UP, 1979. p. 36-59.
- LAST Man on Earth, The** (PT-BR: Mortos não matam). Dirigido por Ubaldo Ragona. Itália, Estados Unidos: Associated Producers, Produzioni La Regina, 1964 (86 min.).